

BEAUD, Michel. *Arte da tese: como preparar e redigir uma tese de mestrado, uma monografia ou qualquer outro trabalho universitário*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 176 p.

É sempre bem vinda uma nova edição de um livro esgotado cuja proposta é ajudar os ainda ‘corajosos aventureiros’ que se lançam no desafio da pesquisa acadêmica no Brasil. Lançado na França em 1985, este *Arte da Tese (L’Art de la thèse)*, de Michel Beaud, é atual e continua sendo um original guia prático que se preocupa com todas as etapas a serem percorridas, ou não, por quem pretende fazer uma tese. Usei a expressão *ounão*, pois uma das originalidades do livro em pauta é a franqueza desconcertante do autor. Por exemplo, num teste logo à página 15, sem rodeios ele sugere ao leitor que “(...) se obteve apenas 4 ‘sim’, ou menos, deve renunciar imediatamente; melhor fazer outra coisa.”

Trata-se de uma obra destinada tanto a estudantes que pretendem fazer o mestrado ou doutorado, quanto a professores orientadores, resultando da longa experiência de Beaud na condição de orientador de cerca de 90 teses. Aliás, ele assume tranquilamente que fez um ‘livro de receitas’ no molde dos livros de receitas de cozinha. Alega que insistiu em dificuldades e obstáculos, pois sabe que o trabalho de tese é árduo: para quem o desenvolve, para seus familiares e amigos, e para o próprio orientador.

Logo em seus agradecimentos, Beaud nos delicia com o uso de uma pontuação rica em sentidos e insinuações. Tem-se a nítida impressão de que está falando da realidade acadêmica brasileira:

“...Os métodos de seleção e recrutamento dos professores franceses para o ensino superior são tais, que não exigem nenhuma formação pedagógica. Desde que se tenha engolido sua dose – maciça – de conhecimentos, supõe-se que se seja capaz de fazer outros engolirem as suas. Quanto à pesquisa, o fato de ter redigido uma tese basta para garantir (...) que se saiba orientar pesquisas alheias.”

O livro se compõe de prólogo, um teste e 39 micro-capítulos, que também contêm outros testes e que têm em média quatro páginas, com a ressalva de que para o autor, “uma boa tese, uma boa pesquisa implica equilíbrio entre teoria e empirismo, e o pesquisador é um artesão intelectual”. Ele se refere ao assunto da tese de forma até poética: “Um assunto capaz de motivá-lo, de interessá-lo durante vários anos (...) e que se colará em sua pele, fazendo parte de sua imagem durante alguns anos.” Passo a passo, vai orientando quem tem o assunto e o orientador; quem tem o orientador, mas não tem o assunto; quem tem o assunto, mas não tem o orientador, e quem não tem nem assunto, nem orientador de tese.

O capítulo *Um bom orientador?* serve não só para o futuro pesquisador verificar se o orientador que pretende ter é ou não um bom orientador, mas também para os próprios orientadores se autoconhecerem como orientadores. A meu ver, é um dos capítulos mais importantes, até porque quem já passou pela experiência de mestrado e doutorado, sabe como essa questão é delicada e difícil de ser administrada. Beaud também lembra que as questões burocráticas devem ser encaradas com cuidado e respeitadas.

Em seguida, sugere como deve ser o percurso do pesquisador, num quadro esquemático que contém três colunas: dimensão temporal, procedimento e produção, mas alerta que esse “procedimento-padrão não é absoluto: deve ser adaptado em função de suas qualidades e

desvantagens pessoais, de seu assunto, da matéria etc. Deve também ser modificado em função das demandas, dos hábitos e dos métodos de trabalho de seu orientador.” Ensina, ainda, a estabelecer um ‘calendário-padrão’, que, geralmente, constitui grande dificuldade para os pesquisadores. Fala em organização e anotações de forma sistemática, algo aparentemente simples e lógico, mas que nunca é dito e que pode ajudar muito um quase desistente pesquisador a prosseguir em sua jornada.

Prosseguindo, discorre sobre a problemática da pesquisa, que, para ele “é o conjunto construído, em torno de uma questão principal, pelas hipóteses de pesquisa e pelas linhas de análise que permitirão tratar o assunto escolhido.” Em sua opinião, a problemática I permite organizar o plano de trabalho, o qual não deve implicar em limites rígidos, nem ser considerado como esquema da redação: “o plano da redação será a armadura coerente do raciocínio construído que levará ao texto da tese.”

Beaud demonstra uma preocupação com questões práticas que, se não forem tratadas com disciplina e rigor, trarão muito desgaste físico e emocional no momento da redação ou da pesquisa final. Por exemplo: ter que ficar percorrendo bibliotecas para descobrir onde leu uma certa informação que não foi devidamente anotada numa ficha completa e precisa. Para esse autor, o que se espera de uma tese “é um progresso dentro do conhecimento: seja ele um esclarecimento novo sobre uma questão em debate, a reconstrução de um corpo explicativo ou o aprofundamento da análise sobre um ponto importante. Uma tese deve contribuir, mesmo que modestamente, para o aprimoramento do conhecimento, dentro do domínio de sua competência.” Assinala então que uma primeira pesquisa bibliográfica séria e exaustiva é muito importante e enfatiza três aspectos:

“a necessidade de ter escolhido, com todo cuidado, e de utilizar, de maneira rigorosa, seu método de trabalho; a importância de ter efetuado prévio reconhecimento do terreno e de se ter certificado da ‘exequibilidade’ do trabalho, e a importância de um rigor muito grande na maneira pela qual os resultados são registrados, as anotações tomadas e as entrevistas efetuadas e registradas.”

Após o trabalho feito na mente e o necessário amadurecimento, o pesquisador deve evitar partir atrás de novas pistas e então se empenhar na primeira redação geral. Mas, para fazê-lo de maneira acertada e proveitosa, é preciso preparar e adotar o plano de redação. Na maioria das vezes, mediante amadurecimento gradual e sistemático, a Problemática I acaba por gerar a Problemática II, e a principal dificuldade reside na passagem do “plano de trabalho (ou plano de pesquisa) para o plano de redação, que deve armar o raciocínio que irá costurar o conjunto do texto que você irá redigir.” O autor fornece, então, dois exemplos muito claros de plano de redação e se dedica, de forma minuciosa, a ensinar o leitor a redigir o seu trabalho, incluindo o uso de citações e das normas bibliográficas. Além disso, explica o que fazer quando a tese está terminada e impressa.

Os últimos capítulos são destinados a preparar o aluno para a fase antes da defesa e para a defesa propriamente dita, com detalhes que vão desde a boa preparação em termos físicos, até a preparação para a apresentação que o pesquisador faz no início da defesa:

“(…) a capacidade de defender com segurança e cortesia suas posições face às críticas dos membros da banca, reconhecendo as fraquezas ou erros evidentes, valorizando os pontos motrizes e sustentando de maneira conseqüente e inteligente as posições pessoais expressas na tese.”

Na realidade, preocupa-se até mesmo com a comemoração depois da defesa. Arrola também os procedimentos que o pesquisador precisa adotar, tanto de ordem burocrático-administrativa quanto de prosseguimento da carreira acadêmica. Pode-se partir para a publicação, por exemplo. Mas, independente de qualquer coisa, lembra ao agora mestre ou doutor que “durante a elaboração

de sua tese, também teve de renunciar a outros campos de pesquisa que lhe interessavam”, deixando assim sua mensagem final: não pare de pesquisar. É, sem dúvida, um livro que merece ser estudado.

* Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e docente no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social Gásper Líbero.